
UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O ATIVISMO PEDÓFILO

*Suheyra Fonseca Misirli Verhoeven**

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Algumas organizações de ativismo pedófilo em funcionamento. 2.1 NAMBLA. 2.2 MARTIJN. 2.3 JON. 2.4 RENE GUYON SOCIETY. 2.5 AMBLA. 2.6 AG-PAEDO. 2.7 COALITION PÉDOPHILE QUEBECOIS. 2.8 DANISH PAEDOPHILE ASSOCIATION (DPA). 3. Exemplos de sites de apoio ao ativismo pedófilo. 3.1 GLGARDEN. 3.2 FREE SPIRITS. 3.3 CHRISTIAN BOY LOVE FORUM. 4. Organizações provavelmente extintas de ativismo pedófilo. 5. Organizações em funcionamento que não obtivemos dados até o momento. 6. Depoimentos sobre o envolvimento sexual entre crianças e adultos. 6.1 De Crianças Envolvidas em Relacionamentos Sexuais com Adultos. 6.2 De Ativistas Gays. 7. Considerações propedêuticas sobre o abuso sexual. 7.1 O jogo de sedução. 8. Liberdade x dignidade da pessoa humana. 9. Considerações finais. Referências.

RESUMO: Esse trabalho visa descortinar alguns dos principais argumentos do movimento de ativismo pedófilo para que sejam abolidas as leis que criminalizam a prática sexual com pessoas de idade inferior ao mínimo legal estabelecido. Apesar de as organizações pedófilas repudiarem a idéia de violência para a obtenção do prazer carnal com uma criança, pregam ser natural o envolvimento sexual de pessoas, independentemente de suas idades, desde que haja o mútuo consentimento. Mostraremos, no presente artigo, as principais organizações que estão, ou já estiveram, em funcionamento e, principalmente, buscaremos demonstrar que a criança, apesar de não ser assexuada, é incapaz de dar seu livre consentimento para um envolvimento sexual.

* Mestranda em Políticas Públicas e Processo pela FDC.Advogada.

Palavras-chave: Sexo; Crianças; Ativismo pedófilo.

ABSTRACT: This work aims to disclose some of the main arguments of the pedophile movement active in order to abolish the laws, which criminalize sexual practice with people under the age, already established. Although the pedophile organizations repudiate the idea of violence in order to obtain pleasure with a child, they claim to be natural the sexual involvement of people, independently of age, since it has mutual agreement. We will show, in the present article, the main organizations that are or had been, operating and mainly, we will try to demonstrate that the child, although not being non sexual, is incapable to give a free consent for a sexual involvement.

Keywords: Sex; Children; Pedophile Movement.

1. Introdução

Engana-se quem pensa que os pedófilos apenas atuam trocando imagens eróticas e/ou pornográficas envolvendo crianças e/ou adolescentes ou praticando sexo com os menores de idade. Uma breve pesquisa acerca do ativismo pedófilo revela que as pessoas que compartilham o “amor” por jovens ou crianças estão se reunindo e começam a exigir que a sociedade reconheça o tipo de relação proposto e vislumbram a proteção legal como parte da trajetória de aceitação.

Movimentos mundiais a favor da abolição ou diminuição da idade mínima legal para o consentimento sexual de um indivíduo ganham força e organização: é crescente o número de adeptos às organizações que apóiam a pedofilia e a pressão feita pelos *childlovers* no poder legislativo em plano global já não pode ser ignorada.

O termo pedofilia tem origem grega e possui como tradução o amor/amizade pelas crianças. Pedófilo, frizam alguns especialistas, é aquele indivíduo que possui atração sexual primária ou exclusiva por crianças, mesmo sem nenhum contato sexual efetivo. Acrescentam que nem todos aqueles que praticam o abuso sexual de crianças é pedófilo, pois podem ter sido impulsionados por outras variáveis que não a predileção sexual por infantes. A pedofilia é atualmente considerada pela psiquiatria uma parafilia, espécie de desvio sexual.

Os ativistas pró-pedofilia pregam o livre amor (entendendo-se consequentemente sexo) entre os indivíduos, independentemente da idade dos amantes. Repudiam, enfaticamente, o ato sexual violento, considerando-se defensores somente do sexo com crianças quando as mesmas expressam consentimento e vontade nessa direção.

Um número considerável dessa tendência abolicionista encontra suas raízes nos próprios movimentos homossexuais que pregam a liberdade plena no ato sexual. Mas, apesar de grande parte dos ativistas pedófilos ser formada por pessoas que se

atraem sexualmente por outras do mesmo gênero, expressivo número de adeptos desse pensamento é heterossexual.

Várias organizações possuem periódicos para publicação de seus ideais, sites, fórum de discussões, assistência jurídica para membros e várias outras facilidades que demonstram o poder crescente que vêm adquirindo e que são facilmente percebidos pelo mundo através da Internet.

Como grande parte da exteriorização dessas organizações ocorrem pelo mundo virtual, a internet se solidificou como o instrumento principal para essa pesquisa. Devemos salientar que muito sentimos com a escassez de material publicado a respeito das organizações de ativismo pedófilo, mas, confessamos, essa situação serviu de estímulo para que elaborássemos o presente estudo.

Cabe nesse artigo confrontar o direito fundamental da liberdade, principal argumento das referidas organizações de liberação sexual entre adultos e crianças, com algumas informações a respeito das conseqüências de uma prematura experiência sexual por parte das crianças, pondo em xeque um outro princípio: o da dignidade da pessoa humana.

Esse trabalho é o resultado parcial da pesquisa que está sendo desenvolvida no grupo de pesquisa Teorias e Métodos de Interpretação dos Direitos Fundamentais do Mestrado da Faculdade de Direito de Campos, sob a orientação do professor Dr. Manoel Messias Peixinho.

2. Algumas organizações de ativismo pedófilo em funcionamento

2.1 NAMBLA¹

The North American Man/Boy Love Association é baseada nas cidades de Nova York e São Francisco, nos Estados Unidos. Como sugere o nome da organização, trata da reunião de homens homossexuais (e algumas crianças e adolescentes

¹ Informações disponíveis em: <http://www.nambla.org/>. Acesso em: 15 mai. 2007

do sexo masculino) que defendem, veementemente, a legalização da relação sexual entre homens e meninas, sob o argumento de que as minorias possuem o direito de livremente explorar a sexualidade.

A grande meta dessa organização é acabar com a opressão sobre o relacionamento entre homens e meninas que livremente consintam nessa direção. Clama por adoção de leis capazes de proteger tanto as crianças que não repudiam determinada relação sexual, quanto à liberdade daquelas que se propõem exercer a sua própria sexualidade.

Nos anos 80, a NAMBLA informou ter 300 membros mas, a partir de então, passou a manter sigilo a respeito da quantidade de associados. Em uma investigação realizada em 1995 pelo FBI foi constatado que a organização contava com aproximadamente 1.100 membros. Estima-se que no ano de 2007 a quantidade de afiliados seja expressivamente maior.

A NAMBLA se descreve como um grupo de assistência aos relacionamentos intergeracionais, tem como slogan a liberdade sexual para todos e como objetivo o apoio aos direitos da criança/adolescente e adultos de escolherem seus parceiros com quem desejam dividir seus corpos.

Um dos seus principais argumentos é o de que as leis que estipulam a idade do consentimento desnecessariamente criminaliza relações sexuais entre os menores de idade e os adultos. Uma de suas políticas mais expressivas é a da abolição do consentimento legal para que uma criança ou adolescente possa se permitir usufruir livremente do seu corpo com quem escolher.

2.2 MARTIJN²

A associação foi fundada na Holanda, em 1982, e luta pelo reconhecimento legal e pela aceitação social de relacionamentos sexuais entre adultos e crianças. Revelam-se

² Informações disponíveis em: <http://www.martijn.org>. Acesso em: 01 mai. 2007.

contra a política de “terror e discriminação” instaurada no cenário atual contra esse tipo de relacionamento.

Possuem a política de ajuda voluntária aos membros e disponibilizam publicações de interesse dos seus membros. São ações dessa associação:

- A. Publicação da OK magazine;
- B. Gerenciar o site www.martijn.org;
- C. Fornecer conselho, apoio e informação;
- D. Procurar estabelecer diálogo com políticos;
- E. Lutar pela cooperação de grupos com ideais similares;
- F. Ter um grupo de discussão.

Para ter acesso às publicações, os pedófilos devem se associar e, para isso, uma quantia é exigida em troca.

2.3 JON³

Fundado em 1979, é um grupo holandês de apoio às “pessoas que têm habilidade de se apaixonar por crianças”. O site, disponível para leitura em sete idiomas (holandês, inglês, dinamarquês, italiano, francês, espanhol e alemão) diz oferecer um ambiente para acolher os sentimentos de cada pedófilo no grupo e garante aos novatos que não estão sós. Realizam encontros mensais onde os membros prestam auxílios recíprocos.

2.4 RENE GUYON SOCIETY

A organização teve no jurista francês, Renè Guyon, nascido no ano de 1876 a grande inspiração para a sua fundação, devido à elaboração de seu *Etude ethique d'sexuelle*, contendo

³ Informações disponíveis em: <http://home.uni-one.nl/plein/jon/>. Acesso em: 01 mai. 2007.

⁴ 1- A legitimidade dos atos sexuais; 2- A liberdade sexual; 3- Revisão das instituições clássicas; 4- A política racional da sexualidade; 5- O prazer sexual; 6- Perseguição dos atos sexuais; 7- perseguição dos atos sexuais, vol II; 8- O terror puritano da sociedade moderna; 9- A organização da sociedade pró-sexual; 10- A abolição das ofensas sexuais na lei penal. (Tradução livre do francês)

10 volumes.⁴ Possui sede na Califórnia, Estados Unidos, e revela contar com aproximadamente 10.000 membros. O slogan da comunidade em tela é “*Sex before eight, or else it’s too late*”.

2.5 AMBLA⁵

A sigla que significa *Austalian Man Boy Love association* pertence a um grupo que foi “reorganizado como um grupo desorganizado”. Não disponibilizam mais um endereço ou telefone oficial, reuniões ou membros. Hoje representa apenas um meio para pessoas se encontrarem individualmente.

2.6 AG-PAEDO⁶

Organização expressiva de ativistas pedófilos alemães que realizam dois encontros anuais. Possuem publicações de interesse da comunidade pedófila e dão suporte para prisioneiros que foram condenados em razão de envolvimento sexual com crianças.

2.7 COALITION PÉDOPHILE QUEBECOIS⁷

É uma organização que era dada como extinta, mas consistentes sinais atuais indicam a sobrevivência dessa comunidade pedófila no Canadá.

2.8 DANISH PAEDOPHILE ASSOCIATION (DPA)⁸

⁵ Informações disponíveis em: http://www.ipce.info/newsletters/nl_e_2.html. Acesso em: 01 mai. 2007.

⁶ Informações disponíveis em: http://www.ipce.info/newsletters/nl_e_2.html . Acesso em: 01 mai. 2007.

⁷ Informações disponíveis em: http://www.ipce.info/newsletters/nl_e_2.html. Acesso em: 01 mai. 2007.

⁸ Informações disponíveis em: http://www.ipce.info/newsletters/nl_e_2.html. Acesso em: 01 mai. 2007.

É uma comunidade de ativismo pedófilo situada na Dinamarca. Ainda não possuímos dados maiores a respeito desse grupo.

3. Exemplos de sites de apoio ao ativismo pedófilo

3.1 GLGARDEN⁹

É um site de ativismo pedófilo que se propõe a compartilhar experiências entre adultos e meninas. Abraça como missão a luta para estabelecer a plena democracia de direitos para todas as pessoas que sentem atração por faixas etárias diferentes, bem como conquistar a mesma proteção legal que é usufruída por outras minorias.

3.2 FREE SPIRITS¹⁰

Free Spirits é um site de relacionamentos na Internet que apóia a união sexual entre homens e garotos. Em sua página inicial informa que a atração sexual existente entre homens adultos e meninos é comum e que várias pessoas chamam esse fenômeno de orientação sexual, como qualquer outra.

A grande mola propulsora do sítio é o que chamam de *BoyChat*, um fórum de discussão que reúne homens que se sentem atraídos por meninos e, segundo informam, eventualmente crianças ou adolescentes que se envolvem sexualmente com adultos.

A missão verbalizada por esse grupo de pessoas que mantém a página na internet é a de promover a livre comunicação entre os pedófilos, que definem como a minoria sexual mais incompreendida na sociedade atual. Segundo o que revelam, é o local apropriado para discussões entre os ativistas pedófilos, encontrar apoio dos membros e educar o resto da sociedade a respeito dessa “diferente e responsável comunidade”.

⁹ Informações disponíveis em: www.glgarden.org. Acesso em: 01 mai. 2007.

¹⁰ Informações disponíveis em: www.freespirits.org. Acesso em: 01 mai. 2007.

A comunidade é mantida por contribuições de seus membros que se encontram ao redor do mundo e aceitam a moeda do país ao qual pertencem. A única exigência que fazem é que a doação seja feita em dinheiro. Para poder incentivar essa prática os responsáveis pelo site em tela disponibilizaram uma seção em que as pessoas podem especificar a quantia que estão doando, protegidos por um pseudônimo. No dia 01 de maio do ano de 2007, às 9:00h da manhã, contamos 346 doações que variavam desde quantias simbólicas até o cifra de US\$ 1.000,00. Válido é frisar que nem todos os indivíduos que contribuem monetariamente com a comunidade têm seus apelidos lançados no rol dos doadores, fazendo-nos concluir que o número de pessoas que ajudam a manutenção do site e, conseqüentemente adiram efetivamente ao ideal de pensamento da organização é substancialmente superior.

3.3 CHRISTIAN BOY LOVE FORUM¹¹

É um fórum de discussão que visa proporcionar apoio aos pedófilos cristãos. Revela, em sua página inicial, que a razão da criação da página é que a maioria desses homens se encontra na posição de não haver ninguém para compartilhar a sua fé e sentimentos sexuais. Dessa forma, seria aquele considerado o local adequado para o “mútuo encorajamento, apoio e conselho buscando lidar com a sexualidade e reação social de maneira saudável e responsável”. Justificam esse discurso com a finalidade de viver com integridade e manifestar a fé de modo que honra a Deus e demonstra o amor de Jesus Cristo a todas as pessoas.

O sítio possui um *prayer room* em que podemos encontrar orações como essa:

Father, please help me make the right choice in regards to my marriage. As much

¹¹ Informações disponíveis em: www.cbllf.org . Acesso em: 01 mai. 2007.

as it depends on me, let me be willing, honest, giving and gracious. As much as I'm feeling rebellious, stubborn, selfish, and lustful... help me be humble and repentant. Not my will but Your's be done... make me willing to do Your will in those areas where I'm not. Help me to have courage to stand up during this trial and choose what is true and right. Help me to understand if my minor attraction can be healed or if it is a thorn in my flesh that must be endured by grace. Help me to exercise self-control of my thoughts and fantasies and direct my passions towards my wife as much as I am able. Show me how to have appropriate relationships with boys... In Terms of friendship: what is ok and what is not? I ask these things in Jesus name. Amen. ¹²

4. Organizações provavelmente extintas de ativismo pedófilo

No decorrer da pesquisa encontramos várias menções a organizações que já estiveram em funcionamento. São elas: *Aktion Freies Leben* (AFL) – Alemanha; APSG/BLAZE – Austrália; *Arbeitskreis Päderastie-Pädophilie* (AKP) – Alemanha; *Centre de Recherche et d'information sur l'enfance et la sexualite* (CRIES) – Bélgica; *Childhood Sensuality Circle* (CSC) – Estados Unidos; *Dokumentatiedienst Pedophilie* – Bélgica; DSAP – Alemanha; *Groupe de Recherche Pour une Enfance Differente* (GRED) – França; *Gruppo P* – Itália; *Indianekommune* – Alemanha; *Norwegian Pedophile Group* (NAFP) – Noruega; *Paedophile Action for Liberation* (PAL) – Inglaterra; *Pedophile Information Society* – Estados Unidos; *Pädogruppe, Rat und Tat- Zentrum* – Alemanha; *Paedophile*

¹² Decisions (Posted by Cat on 2007-03-5 04:16:25, Monday). Disponível em: <http://www.cblf.org/prayer/messages/105438.htm> . Acesso em: 01 mai. 2007.

Information Exchange (PIE) – Grã Bretanha; *Project Truth* – Estados Unidos; *Schweizerische Arbeitsgemeinschaft Pädophile (SAP)* – Suíça; *Stuiegroep Pedofilie* – Bélgica; *Stiekum* – Bélgica;

5. Organizações em funcionamento que não obtivemos dados até o momento

Algumas organizações de ativismo pedófilo foram mencionadas por outras, o que nos fez perceber que o universo ativista é superior ao que estávamos sendo confrontados. Tendo como obstáculos o espaço geográfico e a falta de maiores informações na Internet ainda não conseguimos colher dados suficientes a respeito das seguintes organizações: *Eulenspiegel Society* – Estados Unidos; *Lewis Carroll Collector's Guild* – não conhecemos onde está sediada; *Fach und Selbsthilfegruppe Paedophilie* – Alemanha; *Verein Fuer Sexuelle Gleichberechtigung (VSG)* – Alemanha.

6. Depoimentos sobre o envolvimento sexual entre crianças e adultos

6.1 De Crianças Envolvidas em Relacionamentos Sexuais com Adultos

Você deveria ser capaz de amar quem você quiser, quando você quiser e, enquanto os dois estão felizes, não importa o que qualquer um pense. Depoimento de um menino de 10 anos de idade.¹³ (tradução livre)

Eu quero amar e ser amado por quem eu quiser. Tenho tido um amigo mais velho

¹³ “You should be able to love whoever you want when you want and as long as you both happy it don’t matter what anyone else thinks.” Depoimento disponível em: <http://www.cerius.org/child/Hoby.htm> . Acesso em: 01 mai. 2007.

nos últimos dois anos. Eu não sou homossexual, eu gosto de garotas. Ele não gosta, mas nós nos entendemos muito bem. Não interessa a ninguém o que fazemos ou não fazemos... Parem de me proteger, por favor! Depoimento de uma criança de 11 anos de idade.¹⁴(tradução livre)

“Por que eu deveria me sentir culpada pelo maravilhoso relacionamento que eu tive com aquele homem (...)? Depoimento de uma mulher na faixa dos 20 anos de idade a respeito do relacionamento que começou com um homem mais velho quando tinha apenas 6 anos de idade.¹⁵ (tradução livre)

NINGUÉM NUNCA ABUSOU DE MIM! Eu era livre para dizer ‘SIM’!!!!’ E também sabia como dizer ‘não’ se tivesse alguma coisa que eu pudesse não gostar. Depoimento de um homem que começou a ter vida sexual aos sete anos de idade com homens mais velhos.¹⁶ (tradução livre)

6.2 De Ativistas Gays¹⁷

O amor entre homens e meninos é o alicerce do homossexualismo... Não

¹⁴ “I want to love and be loved by whom I want. For the last two years I have an older friend. I am not gay, I like girls. He doesn’t, but we understand each other very well. It is nobody’s business what we do or don’t do. ... Stop protecting me, please!” Depoimento disponível em: <http://www.cerius.org/child/complain.htm>. Acesso em: 01 mai. 2007.

¹⁵ “Why should I feel guilty about the wonderful relationship I had with that man (...)?” Disponível em: <http://www.cerius.org/child/WhyFeelGuilty.htm> . Acesso em: 01 mai. 2007.

¹⁶ “NOT A SINGLE ONE EVER ABUSED ME! I was free to say ‘YES!!!!’ and also knew how to say ‘no’ if there were ever anything I might not want”. Disponível em: <http://www.cerius.org/child/siao.htm> . Acesso em: 01 mai. 2007.

¹⁷ Depoimentos disponíveis em: http://www.moses.org.br/artigos/mostra_artigo.asp?ID=49. Acesso em: 01 mai. 2007.

devemos deixar que a imprensa e o governo nos seduzam e nos façam acreditar em informações erradas. O estupro de crianças realmente existe, mas há também as relações sexuais boas. E precisamos apoiar os homens e os meninos nesses relacionamentos.

Os amantes de meninos e as lésbicas que têm amantes mais jovens são as únicas pessoas que estão se oferecendo para ajudar os jovens... Eles não são estupradores de crianças. Os estupradores de crianças são os pais, os professores, os terapeutas, os policiais e os pais que forçam os jovens, que estão sob sua responsabilidade, a aceitar sua moralidade fora de moda. Em vez de condenar os pedófilos por seu envolvimento com jovens gays e lésbicas, devíamos apoiá-los.

Na minha opinião, a pederastia devia receber o selo de aprovação. Acho que é verdade que os amantes de meninos [os pederastas] são muito melhores para as crianças do que os pais...

Nos casos de consentimento mútuo e atração sexual mútua, a própria atividade sexual [entre homens e meninos] parece não produzir nenhum efeito danoso. Espera-se que isso possa tranquilizar os pais e ajudá-los a evitar preocupações e desilusões desnecessárias.

Naqueles casos onde crianças têm relações sexuais com um irmão mais velho que é homossexual... minha opinião é que

muitas vezes é a própria criança que deseja essa relação, e talvez a peça, por curiosidade natural... ou porque ela é homossexual e instintivamente sabe disso... Diferente de casos de meninas e mulheres estupradas à força e traumatizadas, a maioria dos *gays* tem boas memórias de seus primeiros encontros sexuais quando eram crianças.

Sexo entre jovens e adultos é uma das questões mais difíceis no movimento *gay*. Quando é que um jovem tem o direito e a autoridade de fazer suas próprias decisões sexuais? De que modo as leis contra sexo entre adultos e crianças são usadas especificamente para mirar os *gays*?

7. Considerações propedêuticas sobre o abuso sexual

Inicialmente, cabe- nos fazer breves considerações sobre o fenômeno do abuso sexual ora abordado no presente artigo. Etimologicamente “abuso” indica o distanciamento, a ruptura do uso normal. Abuso sexual, portanto, sob esse prisma, seria o uso condenável ou excessivo da sexualidade sobre outrem.

O abuso sexual possui várias facetas que não cabem, no momento, ser analisadas. Tomaremos como fonte de inspiração para o desenvolvimento desse específico tópico a situação em que meninos e meninas teoricamente consentem com a prática sexual com o adulto. Não falaremos de violência, coação física ou moral ou uso da autoridade por parte do adulto envolvido. Tão pouco do temor sentido pela criança.

Lembremos que nesse trabalho específico tratamos de movimentos ativistas pela liberdade sexual entre adultos e crianças. Dessa feita, um dos principais argumentos da comunidade pedófila é o de que violência não há nas interações sexuais, mas o consentimento de ambos os envolvidos, sim.

Pois bem, temos de um lado um adulto que diz amar uma criança e só querer o seu bem. De outro temos uma criança que diz (como um dos depoimentos apresentados no tópico 6.1) que não sofreu abuso algum, posto ela mesmo ter aceitado o envolvimento e ter se sentido capaz de dizer ‘sim’.

Assim sendo, usaremos o termo abuso sexual, especificamente para esse trabalho, para qualificar o tipo de relacionamento sexual sem violência que envolve um adulto e um menor de idade. Teremos como ponto de partida o uso anormal da sexualidade, uma vez que não consideraríamos normal o envolvimento sexual em que os pólos se encontram em total disparidade de desenvolvimento psicossocial.

Conforme ponderamos anteriormente, a violência não é a mola propulsora para esse tipo de relação. Andamos, pois, em um terreno deveras argiloso em que predomina a sedução e a conquista. Procuramos, neste trabalho levantar o véu que encobre o universo sexual em que tanto se prega o consentimento dos envolvidos.

7.1 O jogo de sedução

O agente tipicamente pedófilo, como anotado em oportunidade anterior, é aquele que sente atração primária ou exclusiva por crianças ou adolescentes. São indivíduos, em regra, muito simpáticos e convidativos aos olhos de uma criança ao passo em que, como ninguém, sabem atrair e manter a atenção dos pequenos. A satisfação das crianças em estar com esses indivíduos é uma motivação a mais para os pais confiar-lhes os seus filhos, pois como um adágio popular bem conhecido prega “as crianças gostam de quem as trata bem”.

Conforme bem salientado por Bouhet, Pérard e Zorman,¹⁸ após alguns trabalhos clínicos é possível adiantar a hipótese de que:

¹⁸ BOUHET, B.; PÉRARD, D; ZORMAN, M. A importância dos abusos sexuais na França. In *Crianças Vítimas de Abuso Sexual*. São Paulo: Summus, 1997. p. 41.

(...) as crianças pouco vigiadas, deixadas por sua própria conta e/ou que têm carências emocionais e afetivas, são mais vulneráveis e constituem provavelmente o alvo preferido dos autores de abusos (...).

As vítimas dos pedófilos são, geralmente, muito carentes de afeto e atenção e, em considerável parte das vezes, pertencem a uma família que possui membros ausentes, seja fisicamente pelas obrigações cotidianas, seja emocionalmente pelo simples descaso ou até mesmo por ausência de vínculos solidificados. Crianças que são alvos de chacotas entre os colegas, as menos sociáveis, introvertidas ou submissas também são alvos fáceis.¹⁹

Os agentes conseguem transitar com facilidade no mundo infantil, agindo e demonstrando pensar como uma criança. Isso faz com que os infantes se sintam orgulhosos por ter um amigo mais velho que gosta e faz questão de estar em companhia deles, enquanto os seus próprios pais encontram-se por demais atarefados ou não possuem a mesma sensibilidade que o “novo amigo” para entender problemas tão específicos da faixa etária.

A aparente inocência dos agressores é facilmente desmistificada ao serem analisados os rituais de captação da criança. Maliciosos, não perpetraram o abuso sexual na primeira oportunidade (pois como se orgulham em falar, não estupram). Agem como se estivessem em uma partida de xadrez: avaliam, cuidadosamente, o próximo movimento.

Tornam-se o melhor amigo e confidente da criança. Passam a impressão de entender, como ninguém, os seus problemas e apóiam incondicionalmente suas atitudes fazendo com que o pequeno progressivamente se afeioe a ele.

As visitas da criança na casa do pedófilo tornam-se freqüentes e as brincadeiras sem conotação sexual são muitas.

¹⁹ Informações extraídas da pesquisa realizada em 1989 por Conte, Wolf e Smith, parcialmente inserida no artigo desenvolvido Lamour, sob o título “Os Abusos Sexuais em Crianças Pequenas”. p. 57.

A criança enxerga naquele adulto um cúmplice, antes de tudo um igual, só que mais velho.

A partir desse momento é iniciado o ritual de dessensibilização dos infantes. É comum deixarem os pedófilos, em local de livre acesso, fotos de outras crianças nuas, revistas pornográficas ou qualquer outra coisa que sirva de ponte ao sexo, fazendo com que a curiosidade natural das crianças as levem a manusear esse material. Importante é ressaltar que produtos dessa espécie raramente são oferecidos, sendo, em regra, o primeiro passo de acesso o da criança. Está lançada a isca. Uma brecha foi aberta para o início do contato físico.

Uma pesquisa²⁰ realizada em 1989 por Conte, Wolf e Smith²¹ revela o *modus operandi* dos envolvidos em abuso sexual:

A maioria descreve um processo de encetar de relacionamento antes de chegar aos contatos sexuais. Por exemplo: conversar com ela, passar um tempo em sua companhia, tocá-la com frequência, fazer-lhe carinhos. Um deles conta que depois de ter brincado com a criança e ganhar sua confiança, começa a utilizar diferentes modos de contato: primeiro toca as costas da criança, depois a cabeça etc., com o objetivo de testar os limites da vítima. Outro afirma que isola a criança das demais pessoas e faz carícias, de uma maneira lúdica, aproximando-se cada vez mais dos órgãos genitais.

²⁰ A pesquisa abordou 20 adultos que abusaram sexualmente de crianças e os interrogaram sobre o critério de escolha da vítima, a forma pela qual se engajam e mantêm essas crianças nas situações de abuso sexual. Os agentes responderam 69 questões.

²¹ *Apud* LAMOUR, Martine. Os abusos sexuais em crianças pequenas: sedução, culpa, segredo. In *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo: Summus, 1997. p. 57

Os pedófilos, como é de se esperar com as atitudes acima descritas, fazem a criança acreditar em que elas mesmas buscaram e quiseram os atos sexuais e, por mais incrível que possa parecer, eles próprios crêem nesse mito. Não raro as crianças tornam-se emocionalmente dependente desses agentes abusivos, pois acabam por expressar a fonte maior – ou, talvez, única – de carinho e atenção.

Em se tratando de ser o *childlover* um indivíduo experiente (pois é capaz de manipular os atos das crianças sem que elas próprias percebam) o vínculo que passa a ser criado com a vítima é muito grande e a criança é incapaz de ver o agente abusivo como criminoso. Pelo contrário. O pedófilo passa a ser traduzido em uma pessoa sempre presente quando se precisa, na fonte de afeto e atenção sonhada e na pessoa que “ajudou” a criança a descobrir o prazer sexual.

Aqueles que possuem interesse sexual primário ou exclusivo por crianças tendem a seduzir vítimas não pertencentes a sua família por não desejarem correr o risco de ser a sua predileção sexual descoberta em seu meio.

A experiência sexual com crianças desenvolvida por adultos fazem esses agentes perceber que as vítimas, muitas vezes, se afeiçoam a eles, fazendo-os discordar dos tabus sociais que enlaçam as práticas sexuais entre adultos e crianças. Os pedófilos passam, então, a não mais enxergar o seu envolvimento com crianças como algo errado ou reprovável e tendem a procurar outros adultos que compartilham da mesma opinião por possuir a mesma predileção sexual.

O agente ao interagir com o mundo dos pedófilos observa que não são poucas as pessoas que mantêm e pregam o sexo com crianças como algo natural e acaba por abraçar explicitamente, ou não, essa bandeira. Sente-se injustiçado pela sociedade que rotula um ato de “amor” como crime.²²

Através desse pseudo consentimento infantil (fruto de manipulação), adultos que mantêm sexo com crianças se

²² Quando pesquisamos o pensamento dessas organizações observamos referências aos direitos das crianças e a condenação maciça ao sexo sem o consentimento infantil.

organizam em todo o mundo e lutam para que a idade do consentimento sexual legal seja abolida.

8. Liberdade x dignidade da pessoa humana

Os *childlovers* normalmente evocam o princípio da liberdade a fim de justificar a pressão por eles feita para que as normas que determinam uma idade mínima para o consentimento sexual seja abolida. Segundo o pensamento da grande maioria desses agentes, as pessoas, independentemente de suas idades, devem ter a liberdade de usufruir dos seus corpos como bem entenderem.

Ocorre, entretanto, que esses obstinados ativistas acabam por confundir crianças em peculiar fase de desenvolvimento com adultos em miniatura, pois não tratamos em termos psicológicos, emocionais ou sexuais de indivíduos no mesmo nível evolutivo. Em razão disso, em um pólo encontraremos a figura do subordinante, enquanto no outro vislumbraremos o subordinado, ou seja, o adulto usará crianças para satisfazer seus próprios impulsos sexuais.

É instaurado, portanto, o abuso sexual no relacionamento proposto. Como bem observa Kempe há o abuso sexual quando “se trata de atividades sexuais inadequadas para a idade e desenvolvimento psicosssexual da criança (...)”.²³

Não afirmamos em momento algum que a criança é assexuada, mas que o nível de evolução sexual e emocional que possui é bem inferior ao do adulto. Lamour, citando Freud, diz que a sexualidade infantil “concerne às atividades da primeira infância em busca de gozos localizados que este ou aquele órgão pode proporcionar”, mas adverte: “a sexualidade infantil ultrapassa a genitalidade. Tais comportamentos podem ser precursores da sexualidade adulta”.²⁴

Desta forma, apesar de a criança possuir sexualidade e

²³ GABEL, M. Algumas observações preliminares. In *Crianças vítimas de abusos sexuais*. São Paulo: Summus, 1997.

²⁴ LAMOUR, M. *Op. cit.*, p. 59.

a exercitar, devemos observar essa situação como um treino, uma espécie de ensaio para que possa bem exercê-la quando madura. Uma intervenção adulta trazendo para o universo infantil práticas e valores para os quais as crianças não se encontram preparadas pode causar severas conseqüências nesses seres ainda em desenvolvimento.

José Afonso da Silva bem recorda que a Declaração de 1978 diz que “A liberdade consiste em poder fazer tudo o que não prejudique a outrem”.²⁵ Isso posto, não poderíamos conceber a liberdade em um cenário onde se encontra a violação do direito de um ser em peculiar condição de desenvolvimento que, justamente por essa razão, necessita de cuidados e amparo especiais.

Urge ressaltar que a liberdade não é um princípio absoluto, sem medidas. Ao contrário: é com a limitação das liberdades individuais que alcançamos a plenitude do princípio em tela. Ora, se a todos fosse dada a liberdade de realizar todo e qualquer ato, ninguém teria espaço para exercitar livremente a liberdade individual, posto que, a todo o momento, a liberdade de um indivíduo seria violentada pelo exercício de liberdade de outrem.

Assim sendo, não há que se preservar a liberdade de um adulto em praticar atos libidinosos com uma criança, uma vez que a última se traduziria, no envolvimento em testilha, em objeto e não sujeito da relação. A partir do momento em que reduzimos uma pessoa da posição de sujeito para a de objeto, ferimos brutalmente um dos princípios fundamentais do ordenamento jurídico: o da dignidade da pessoa humana.

Como explica Kant, “o homem, e, duma maneira geral, todo o ser racional, existe como fim em si mesmo, não só como meio para o uso arbitrário desta ou daquela vontade”.²⁶ Elevamos a dignidade da pessoa humana como princípio mundialmente observado e respeitado e, em solo pátrio o encontramos na posição

²⁵ SILVA, J. A. *Curso de Direito Constitucional Positivo*. 17 ed., São Paulo: Malheiros, 2000. p. 236

²⁶ KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa, Edições 70. p. 68.

de princípio fundamental da nossa Magna Carta no art. 1^a, inciso III. A dignidade da pessoa humana é, pois, a base de todo ordenamento jurídico, uma vez que consideramos a pessoa como a célula mestra que compõe o corpo social necessário à formação do Estado.

A dignidade da pessoa humana é o mínimo irredutível de todo e qualquer aparelho jurídico, devendo prevalecer quando da ponderação de princípios. É dessa forma que ocorrendo o conflito entre os princípios da liberdade e o da dignidade da pessoa humana (como no problema proposto), não refutamos em defender que o último, sem sombra de dúvidas, deve prevalecer.

9. Considerações finais

O crescente número de pessoas adeptas ao ativismo pedófilo lançam uma questão crucial para o mundo: As leis que estipulam uma idade mínima para o consentimento sexual devem ser abolidas?

O principal argumento da comunidade pedófila é o de que a liberdade dos indivíduos sobre os seus corpos deve ser respeitada, independentemente da idade dos indivíduos. Normalmente repudiam a idéia da violência para a obtenção do prazer sexual com a criança, defendendo, entretanto, relacionamentos sexuais que possuam o mútuo consentimento.

Ocorre, todavia, que a criança estando assimetricamente posicionada em relação ao adulto na relação não é capaz de concordar livremente a respeito da prática sexual, apesar de acreditar veemente que aquiesceu com o envolvimento. Conforme foi exposto no corpo deste trabalho, percebemos que a criança se deixa envolver nos jogos sensuais propostos pelos pedófilos passando a falsa impressão aos olhos de terceiros (e aos dela mesma) de que quis se envolver com o adulto.

Não poderemos falar aqui em consentimento voluntário da vítima. Como vimos no tópico anterior, as crianças – geralmente carente de afetos e sem a maturidade suficiente para reconhecer movimentos estratégicos – acabam sendo manipuladas para o fim pretendido pelos pedófilos.

Partindo-se do pressuposto que a criança não envolve, mas é envolvida pelo adulto, não poderíamos admitir a supressão do livre desenvolvimento sexual do infante em face da livre manifestação sexual de um adulto. Seria o mesmo que jogar por terra uma conquista que levou séculos para ser atingida: a de se considerar crianças seres socialmente distintos do adulto (em caráter biológico, psicológico, emocional e social) e dar-lhes garantias por se tratarem de pessoas em especial fase de desenvolvimento.

Não podemos e nem devemos admitir retrocessos. Temos que caminhar rumo à evolução e, o primeiro passo, é colocar em prática os direitos dos pequenos que estão legalmente estabelecidos (como o Estatuto da Criança e do Adolescente, por exemplo). O caminho não está em abolir leis necessárias, mas em efetivamente cumpri-las.

Referências

BONAVIDES, Paulo. *Curso de Direito Constitucional*. 20. ed. São Paulo: Malheiros, 2007.

BOUHET, B.; PÉRARD, D; ZORMAN, M. Da importância dos abusos sexuais na França. In: *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo: Summus, 1997.

ELIAS, Roberto João. *Comentários ao Estatuto da Criança e do Adolescente*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

GABEL, M. Algumas observações preliminares. In: *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo: Summus, 1997.

GUSMÃO, Chrysolito de. *Dos crimes sexuais*. 6. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2001.

KANT, I., Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70.

LAMOUR, Martine. Os abusos sexuais em crianças pequenas: sedução, culpa, segredo. In: *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo: Summus, 1997.

MEES, Lúcia Alves. *Abuso sexual – trauma infantil e fantasias femininas*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

MORAES, Alexandre de. *Direito Constitucional*. 21. ed. Atlas, 2007.

PEIXINHO, Manoel Messias. *A Interpretação da Constituição e os Princípios Constitucionais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2003.

RANGEL, Patrícia Calmon. *Abuso sexual intrafamiliar recorrente*. Curitiba: Juruá, 2001.

ROUYER, Michèle. As crianças vítimas, conseqüências a curto e médio prazo. In: *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo: Summus, 1997.

SILVA, José Afonso da. *Curso de Direito Constitucional Positivo*. 17. ed., São Paulo: Malheiros, 2000.

<http://www.cblf.org>

<http://www.cerius.org>

<http://www.freespirits.org>

<http://home.uni-one.nl/plein/jon/>

<http://www.glgarden.org>

http://www.ipce.info/newsletters/nl_e_2.html

<http://www.martijn.org>

<http://www.moses.org.br>

<http://www.nambla.org/>

